

XAMANISMO E CONHECIMENTO – UM BREVE OLHAR SOBRE O FENÓMENO DO XAMANISMO NAS CULTURAS ÍNDIAS NORTE-AMERICANAS

Ana Paula Machado

UNIVERSIDADE ABERTA

Estudar um fenómeno como o xamanismo numa época em que, por um lado, o racionalismo e o materialismo continuam vigentes e, por outro, o esoterismo e o ocultismo se tornaram moda, ou apanágio de alguns que – conscientes do descontentamento, do vazio, e das carências das multidões – exploram impiedosamente o “novo” filão, não é – dizia eu – tarefa fácil ou desprovida de momentos em que a encruzilhada parece ser, de facto, a sensação dominante.

Contudo, porque o fenómeno se verifica em várias culturas ancestrais – senão em todas – e em particular nas culturas índias norte-americanas, não estará tão além da ciência e da própria razão humana tentar entendê-lo, embora seja, *a priori*, algo bizarro e incompreensível para as nossas mentes formadas pela cultura ocidental.

Porque aqui nos cumpre atravessar o Atlântico e construir canais de comunicação entre os dois continentes, será útil lançar um olhar sobre o xamanismo, tal como se verifica nas culturas nativas norte-americanas, para, dessa forma, continuarmos a “des-cobrir” o legado do novo continente e a entender o que nos separa e o que nos une, e assim chegarmos a uma melhor compreensão do mundo em que temos a nossa existência.

Ao iniciar esta tarefa, tentei reconhecer à partida os próprios limites que ela pressupõe.

Primeiramente, é impossível, referir-me em pormenor à vasta complexidade do assunto. Logo, limitar-me-ei a delinear pistas e a apresentar algumas conclusões de estudiosos do assunto, na sua maioria antropólogos, que julgo dignas de atenção.

Em segundo lugar, gostaria de salientar que me considero apenas aprendiz nestas matérias, malgrado o meu interesse e entusiasmo por elas, já que é impossível conhecer de facto esta área, sem dedicar muitos anos – ou vidas inteiras – ao seu estudo.

A diferença entre o cientista e o xamã é precisamente essa, um descreve o fruto, o outro saboreia-o; um conhece a existência do fenómeno e descreve-o conforme lhe é possível, o outro detém a sabedoria que lhe advém da vivência do fenómeno.

Embora reconhecendo essa diferença, que é a diferença entre conhecimento e sabedoria, penso que os conceitos não são completamente antagónicos e que haverá pontos em que se tocam e se cruzam; pontos em que o cientista se aproxima do xamã e este do cientista, ou em que, momentaneamente, se fundem — ambos assumindo o papel de pioneiros e guias, ambos explicando e esclarecendo e, acima de tudo, tornando conhecido o desconhecido, trazendo à consciência aspectos do inconsciente, e tornando objectivos dados até então subjectivos, dados até então meramente intuitivos ou sentidos, "*sensed*", na medida em que, sendo alargados a uma determinada comunidade de indivíduos, passam a ser do domínio comum, passam a ser dados adquiridos, passíveis de serem verificados por outrem.

Essa tarefa de sondagem do inconsciente e de trazer à consciência elementos do inconsciente é, afinal, a tarefa do psicanalista, e por isso todas as fases por que tem passado a psicanálise desde Freud têm influenciado a nossa forma de entender o mundo e de "ler" a informação recebida de outros povos.

Também a física e a biologia, nomeadamente a área da ecologia, têm afectado em muito o nosso modo de olhar o "outro" e têm dado movimento a qualquer forma estática de ver o universo. Lembro Einstein com a Teoria da Relatividade, ou o físico Werner Heisenberg com o Princípio da Incerteza, segundo o qual, toda a percepção é modificada pela concepção, ou seja, é impossível ultrapassar a discrepância que existe entre o que os fenómenos realmente são e aquilo que eles aparentam ser. O acto de pesquisa modifica necessariamente o fenómeno estudado. Observador e observado diluem-se e fundem-se, negando o próprio conceito de objectividade, tal como o temos entendido até recentemente, tornando-o um conceito precário, relativo, não absoluto.

No caso particular do xamanismo, este princípio científico deverá alertar-nos para a imposição das nossas lentes culturais ao estudo deste fenómeno, projecção essa que fazemos sob a capa de uma "objectividade", que pura e simplesmente não existe. A objectividade torna-se, portanto, subjectividade.

Que sejamos, pois, investigadores "inocentes", a quem a própria experiência — e não o preconceito — forme, pois esse é, afinal, o objectivo da própria ciência.

É também do conhecimento comum que qualquer nova abordagem do universo está sempre rodeada de algum risco, já que o ser humano tem uma faceta de arreigado

conservadorismo, que reage contra ou não entende, "*misunderstands*" a inovação, caindo em opiniões que não têm forçosamente de ser opostas, caindo em maniqueísmos desnecessários.

Entender como se processa um fenómeno, não implica saber o porquê da sua existência e não tem de o despir do mistério em que, à partida, está envolto.

Se, durante séculos ou milénios, o fenómeno do fogo se manteve rodeado de mistério, "*awe*", ao ter sido explicado, entendido e utilizado a nível consciente e "objectivo" para determinados fins, consoante a vontade do ser humano, não terá sido completamente destituído da sua enorme carga numinosa, nesse processo. Continua imbuído de poder misterioso e continua a exercer um efeito "mágico" sobre nós, que não nos cansamos de o mirar e que não sabemos explicar o porquê da sua atracção.

A própria vida, que as várias ciências não se têm cansado de explicar e descrever, continua a ser um grande mistério, para o qual cada um procura dar resposta à sua maneira.

Com essa humildade — própria de Sócrates — de quem, ao muito saber, reconhece que nada sabe, devemos nós, enquanto cultura ocidental ou judaico-cristã, aproximarmos-nos das culturas de outros povos que muito têm para nos revelar.

O conhecimento dos processos relativos à vida pertence ao foro da ciência. A vivência do grande mistério da existência cabe a cada um de nós, que nos encontramos vivos "aqui e agora", a todos os que nos antecederam e a todos os que hão-de vir.

Sendo níveis de consciência — ou dimensões — diferentes, ocorrem simultaneamente e podem não se excluir mutuamente, se os integramos como partes de um todo dentro de nós, quer dizer, se conseguirmos ligá-los holisticamente.

The Great Mystery a que se referem os índios norte-americanos e a que alguns chamam também *The Great Spirit* é precisamente essa força misteriosa, numinosa, divina em tudo presente, a que uns têm acesso privilegiado, mas a que todos podem aceder - mais ou menos - consoante o valor dos seus esforços e da sua determinação, e a qualidade dos seus sentimentos.

Com estas palavras entramos directamente no fenómeno do xamanismo. O termo xamá deriva do substantivo Tungus-Mongol ou Tungus-Manchu *saman*, construído, por sua vez, a partir da raiz verbal *sa* do indo-europeu, que, curiosamente, significa saber.¹ Assim, o termo xamá significa literalmente — aquele que sabe.

1. Ripinsky-Naxon, *The Nature of Shamanism*, 69.

Ao longo do século XIX, tornou-se geralmente aceite pelos antropólogos que os xamãs eram "ecstatic healers and diviners".¹

Mircea Eliade, no seu livro *Shamanism, Archaic Techniques of Ecstasy*,² tece extensas considerações sobre o fenómeno em vários pontos do globo, ao longo da obra.

O antropólogo sueco Åke Hultkrantz, na conferência de abertura do *20th American Indian Workshop*, sobre *Native American Religions*, na Universidade de Lund, Suécia, em Abril de 1999, contrapôs à perspectiva de Eliade a ideia de que o xamanismo não é uma técnica arcaica, um resquício do passado, mas sim "...a vivid testimony to the active revival of one of the most important religious features in the history of mankind."³ E, na mesma conferência prossegue:

"The shaman is a social functionary who, with the help of guardian spirits, attains ecstasy in order to create a rapport with the supernatural world on behalf of his group members."⁴

ou ainda:

"The central ideal of shamanism is to establish means of contact with the supernatural world by the ecstatic experience of a professional and inspired intermediary, the shaman."⁵

Tal como para Eliade, para Hultkrantz, embora com as diferenças que ele próprio salienta, o êxtase é um conceito central na definição de xamanismo, embora existam outros factores que o caracterizem, como o de efectuar "soul journeys or soul excursions"⁶ Define êxtase ou transe (sendo, segundo afirma, o primeiro termo teológico e humanista, e o segundo termo médico, para um mesmo fenómeno) como: "a psychogenic mode of reaction that forms itself according to the dictates of the mind and that evinces various depths in different situations."⁷

Também para Joseph Campbell o êxtase é uma determinante na função do xamã:

1. Åke Hultkrantz, "The Specific Character of North American Shamanism", *European Review of North American Studies*, 13:2, 1999, 1.

2. Mircea Eliade, *Shamanism, Archaic Techniques of Ecstasy*, 4.

3. Åke Hultkrantz, *op. cit.*, 1.

4. *Id.*, *ibid.*, 2.

5. *Id.*, *ibid.*, 1-2.

6. Åke Hultkrantz, *Shamanic Healing and Ritual Drama*, 19.

7. Åke Hultkrantz, "The Specific Character of North American Shamanism", *European Review of North American Studies*, 13:2, 1999, 1.

Em *The Power of Myth*, à pergunta de Bill Moyers: "In these elementary cultures, as you call them, who would have been the equivalent of the poets today?", Joseph Campbell responde: "The shamans. The shaman is the person, male or female, who in his late childhood or early youth has an overwhelming psychological experience that turns him totally inward. It's a kind of schizophrenic crack-up. The whole unconscious opens up, and the shaman falls into it. This shaman experience has been described many, many times. It occurs all the way from Siberia right through the Americas, down to Tierra del Fuego." – "And ecstasy is part of it", acrescenta Moyers. -"It is", responde Campbell. ¹

Como adiante veremos, também para o antropólogo Ripinsky-Naxon o êxtase é a característica predominante do xamanismo.

Sean Kane, por sua vez, falando de mito, salienta a importância do acto de penetrar barreiras e da transformação que dele resulta, e refere-se ao xamã como aquele que marca a fronteira entre os mundos.

"Always the mythtellers speak of a boundary between the Otherworld where life has its source and this world where life has its manifestation. And they speak of how this boundary may and may not be crossed."

...

... the story of Brigit (Celtic Goddess) - cloaked like a shaman, separating an actual world from dream – tells us something about the universe of the mythtellers."²

Contudo, Kane, ao salientar a existência de "boundaries" entre os mundos, salienta também a sua necessidade e o perigo que advém da sua transposição e, ao fazê-lo, parece estar a acomodar-se ao *status quo* da perspectiva ocidental da realidade.

Por outro lado, e de acordo com a mundividência que subjaz ao fenómeno do xamanismo, Kane apresenta o mundo mítico como algo em constante mutação, em que os vários reinos se interpenetram e transformam, um mundo em que a energia é a única constante, podendo ela assumir várias formas, o que, como referi, em tudo se assemelha ao mundo que o xamã habita, em que ele próprio comunica com os espíritos dos animais ou com outros reinos da natureza ou neles se transmuta.

1. Joseph Campbell, *The Power of Myth*, 107.

2. Sean Kane, *Wisdom of the Mythtellers*, 102.

"The animals and plants and rivers and stones of nature are not physical entities; they are spirit people shifting in and out of bodies. But even this is still a mis-characterization – for the mythtellers often seem to be speaking of creatures in relation to galvanic fields of energy, audible at the moment when the creature appears." ¹

Note-se aqui a referência a campos auditivos e recorde-se como os sons, os ritmos e a música estão associados a práticas xamânicas. Veja-se também como nesta descrição a matéria é apresentada como energia em constante mutação, o que em tudo se assemelha ao que Einstein definiu na Teoria da Relatividade como $E = m c^2$, ou seja "massa não é mais que uma forma de energia"², energia essa em constante transformação.

Não é o que separa os mundos, dimensões ou estados de consciência que caracteriza o mundo do xamã, mas precisamente aquilo que os une. É o estado limiar de consciência atingido que lhe permite viver e actuar simultaneamente em várias dimensões paralelas. É isso que confere ao xamã a sua percepção e visão, a sua sabedoria e o seu poder.

Através de um estado de consciência alterado, a que Ripinsky-Naxon chamou "SSC, Shamanic State of Consciousness" ³, é possível aceder a uma visão da realidade que é abrangente e una em toda a sua diversidade.

"Shamanistic states of consciousness are not regarded as extraordinary occurrences, neither are these alternate states viewed as separate realities. It is all part of a larger monistic whole: in contradistinction to the well-established western myth (a philosophico-scientific metaphor), developed by Descartes through dialectic logic, demonstrating the existence of dichotomous systems, that is, a 'real' disparity between the antipodal cosmic entities – mind and matter." ⁴

Estes estados de consciência xamânicos, no que têm de insólito para quem a eles assiste ou quem lê as suas descrições feitas por antropólogos no campo, podem assemelhar-se a estados de neurose profunda ou a esquizofrenia. Contudo, não se verifica dissociação da personalidade, uma característica dessas doenças, segundo *Carl Jung*, mantendo o indivíduo o seu sentido de propósito e o seu controlo sobre a personalidade, podendo entrar e sair desses estados de acordo com a sua vontade.

1. *Id. ibid.*, 131.

2. Fritjof Capra, *O Tao da Física*, 57

3. Ripinsky-Naxon, *op. cit.*, 10.

4. *Id. ibid.*, 104.

Diz, sobre isto, Ripinsky-Naxon:

"Carl Jung defines neurosis as a dissociated personality. Yet, it is most important to realize that, unlike neurosis, which disables the particular sufferer by exerting disruptive influence on life and living, the 'shamanic crisis' may enhance the intelligence, sensitivity, and vitality of the person. Consequently, the latter condition must not be perceived as a deepening chasm between an estranged and shattered human spirit, on one hand, and the antagonistic world-at-large, on the other. Just the opposite appears to be true. It is the signification of awareness of the profound intensity permeating matter and the spirit – an awareness which, as Joseph Campbell keenly observed, escapes the greater majority, being reserved only for the exceptional few. ".....

E mais adiante:

"A schizophrenic personality perceives the environment as disparate and fragmented, lacking structural unity; the structural elements of this mental condition display idiosyncratic patterns. The world of such a mentally dysfunctional individual is disintegrated. On the other hand, just the opposite may be said about a shaman. First, his worldview is characterized by an intrinsic unity, with all the components fitted and integrated, yielding a cohesive world structure. Second, a shamanic state of consciousness is not a condition limited exclusively to the idiosyncratic experience of a single person, instead, the structural elements of shamanism manifest recurrent themes across transcultural boundaries."¹

Ao xamã pertence assim a capacidade de habitar dois (ou mais) mundos simultaneamente, de penetrar para além da barreira ou *boundary* de que fala Sean Kane e de voltar a esta dimensão com respostas a problemas que confrontam a sua comunidade. Esta capacidade de mediador, inserida num todo ideológico da comunidade a que pertence, confere-lhe um lugar privilegiado, venerado e até, por vezes, temido, pois é detentor do poder de transformação.

Como salienta Ripinsky-Naxon, a sua mente não fica dividida nem desequilibrada, se bem que o seu processo de iniciação à consciência xamânica seja, na maior parte das vezes, atribulado, passando por doenças e estados psíquicos incompreensíveis e temíveis, em tudo

¹ *Id.*, *ibid.*, 104.

semelhantes a profundos desequilíbrios, que o deixam perplexo, esgotado, incapaz de entender e muito menos de dominar o que consigo se passa, até que, por fim, lhe surge a percepção do que lhe está a acontecer e se dá a entrega a essa sua vocação.

São exemplo disso as palavras de Kanucas Little Fish, *medicine man Chippewa*:

"I was born dead in Chicago Cook Country Hospital, state of Illinois. I am a 'veil baby'. The spirit brought me back to life on that morning of April 12th. I have died three more times since, and the spirit has sent me back. The fifth time I was dying with a bone disease that went into remission. ...

As a 'veil baby', according to our people, I could have picked up anything I wanted to do. I don't know how the spirit moves people to do what they do. It was on a vision quest that it showed me how it wanted it to be with me. That's when I started doing what I am doing. Among other things, I was told to work with all the races, not just the Indian people."¹

Sobre o estado de consciência xamânico, diz Ripinsky-Naxon :

" Clearly, the shaman's technique of extasy is the main component in the shamanic state of consciousness. I speak of the shamanic state because, I believe, there is only one quantitative shamanic state of consciousness... SSC may be experienced in varying degrees of amplification (power), intensity (depth), and wave-frequency (level), but there still is only one."²

Este conceito de existir apenas um estado de consciência shamânico, que pode ser experimentado em diferentes graus, parece-me crucial para o entendimento do fenómeno, tal como se verifica no continente norte-americano, onde indivíduos comuns o atingem, também, através de ritual.

Äke Hultkrantz, referindo-se aos healers nas culturas índias norte-americanas, diferencia entre herbalists - ou aqueles que adquiriram conhecimentos sobre meios naturais de tratar ferimentos ou dores; medicine men - ou aqueles que seguem directivas sobrenaturais

¹ Pat Moffit Cook, *Shaman, Jhankri & Néle*, 32.

² Ripinsky-Naxon, *op. cit.*, 86.

³ Äke Hultkrantz, *Shamanic Healing and Ritual Drama*, 19.

⁴ Äke Hultkrantz, "The Specific Character of North American Shamanism", 6.

nas suas actividades de cura; e shamans - ou aqueles que caem em transe ou êxtase profundo, através do qual " the shaman may journey in spirit to far-off places or summon the spirits to give him counsel." ¹ E diz ainda : "all inspired doctors are medicine men; but those doctors who can sink into a trance or trance-like state are also shamans." ²

Creio que a fronteira que Hultkranz pretende estabelecer entre *medicine men* e xamãs está ainda por definir mais claramente, se é que, de facto, existe.

Este antropólogo refere-se à espiritualidade dos índios norte-americanos, com os seus rituais de *Sweat Lodge*, *Vision Quest*, *Sun Dance*, como um xamanismo colectivo, democratizado. Refere-se a estes rituais como "the vision complex", e afirma:

"This religious concept by Lowie (1934:312) called 'democratized shamanism', had not only the change of consciousness, but also the intentional seeking for such a change in common with 'ordinary' shamanism." ¹

A forma de xamanismo colectivo ou democratizado que se encontra entre os índios norte-americanos, constitui forte prova a favor do conceito de consciência xamânica a que se refere Ripinsky-Naxon e evidencia a possibilidade de transpor barreiras e de transformar o mundo em que vivemos através da percepção e experiência que dele temos. Mundos internos e mundos externos são interdependentes e interagem. Esta forma de interacção e interdependência não está distante do princípio de Heisenberg, como antes referi, e vem ao encontro do conceito básico na espiritualidade índia de um universo em constante criação e de um ser humano co-criador desse universo.

Ao intencionalmente procurar o seu espírito-guia, a tónica e o significado para a sua vida, o Vision-Quester, através do sofrimento, do isolamento e da abstinência, está procurando algo que, simultânea e paradoxalmente, lhe dá sentido como indivíduo, e como membro de uma comunidade, identificando-o e ligando-o, destacando-o como único, e unindo-o aos outros seres, humanos ou não.

Nas palavras de um xamã Iglulik-Eskimó:

¹ *Id.*, *ibid.*, 2.

"The only true wisdom lives far from mankind, out in the great loneliness, and it can be reached only through suffering. Privation and suffering alone can open the mind of man to all that is hidden to others."¹

Porque o espaço não mais me permite, gostaria de alvitrar, como conclusão, que o xamã é alguém que detém o conhecimento da realidade última das coisas. Ele representa a capacidade do ser humano de penetrar, vivenciar e actuar numa dimensão desconhecida ainda para a maioria, ou para o estado de consciência normal, de Homem caído do Paraíso.

Essa dimensão desconhecida é o estado de consciência xamânico, um estado em que os opostos se fundem e a unidade ou unicidade se manifesta – paradoxalmente – através da multiplicidade ou, se preferirmos, na multiplicidade se manifesta a unidade.

Mesmo que incapaz de o descrever completamente, o xamã presente e sente a sua imensidão, conhece uma partícula do incomensurável desconhecido. Conhece, habita, move-se e actua – ainda que temporariamente – num vortex em que os dois pólos da natureza estão presentes: criação e destruição, vida e morte, doença e saúde, caos e ordem, prazer e dor, êxtase e agonia.

A sua via é a via do conhecimento, a via da Árvore do Paraíso.

Com a serpente desce às entranhas da terra – ao *Underworld* dos Maias e dos Incas – volta à superfície da Terra e, emplumado – como a serpente de *Kukulkan* ou *Quetzalcoatl* – ergue-se para os céus em voo deslumbrante.

Citando Nevill Drury em *The Elements of Shamanism*:

"The shaman's universe consists basically of three levels. Man lives on the earth in a type of middle zone, between an upper world and a lower world, the latter often associated with the sky and underworld respectively. The three zones are usually linked by a central vertical axis, which is sometimes referred to as the Axis Mundi, or Axis of the World, and which is characterised in different mythologies as the World Tree, the Tree of Life and so on. This Axis passes upwards and downwards through 'holes' in the cosmic vault which lead to the upper and lower worlds, and it is through these that the shaman is able to pass from one level of existence to another and back again".¹

¹ Ripinsky-Naxon, *op. cit.*, 74.

Em si, o xamã reúne os opostos e vive-os como parte de uma mesma energia, a energia que pertence a este planeta. De uma forma peculiar, e à sua escala, reúne, também ele, como Jesus Cristo, o *Alpha* e o *Beta*.

Mesmo no seu estado de consciência comum, o xamã transporta consigo a sabedoria que o conhecimento ou vivência dos opostos lhe conferiu. Pela sua experiência, alargou o seu estado de consciência e, ao incarná-lo ou integrá-lo, tornou conhecido e "objectivo" algo inconsciente, desconhecido e subjectivo.

Nas tribos índias, com os seus rituais individuais e colectivos orientados por xamãs, procura-se o contacto individual com essa dimensão simultaneamente imanente e transcendente e, desse mundo, simultaneamente interior e exterior, traz-se à superfície, ao consciente, à face da Terra, algo que se torna "objectivo" ou extensivo a uma comunidade de indivíduos que partilham a mesma experiência, fortificando assim a relação com essa dimensão, consigo próprio e com os demais indivíduos da comunidade.

Fortificam-se os elos que unem e ligam o ser humano a tudo o que o rodeia, à Criação e a todos os seres dessa imensa cadeia que é a Vida.

Com uma enorme sabedoria, a espiritualidade índia, da qual o xamanismo faz parte integrante, une os seres humanos às forças presentes na Natureza, às forças **da** Natureza, fazendo deles seres equilibrados e sãos, sempre ligados ao seu *Axis Mundi* interno e externo, ao eixo Norte-Sul, à *Red Road*.

Os seres que vivenciam este estado de consciência são seres que se encontraram a si próprios, que não vagueiam sem destino pelas margens do descontentamento, e que seguem as suas vidas com firmeza e aceitação.

Estes são os seres que continuam ligados à ancestral espiritualidade xamânica índia, os seres que reuniram os opostos num elo amoroso (o mesmo amor de há 2000 anos...).

Contudo, apesar dos nossos esforços para entender e explicar o fenómeno do xamanismo – e embora eu não esteja arrependida de os ter feito – devo citar Herman Hesse em *Siddhartha*, para que, como Ícaro, não tentemos voar alto demais com asas que não nos pertencem, e tentemos antes criar as nossas próprias asas como Kukulcan:

¹ Nevill Drury, *The Elements of Shamanism*, 23-24.

"Wisdom is not communicable ... Knowledge can be communicated, but not wisdom. One can find it, live it, be fortified by it, do wonders through it, but one cannot communicate and teach it."¹

Termino com a tradicional prece dos rituais Lakota:

MITAKUYE OYASIN – We are all related!

¹ Herman Hesse, Siddhartha, 142.

OBRAS CITADAS

- CAMPBELL, Joseph, *The Power of Myth*, New York: Anchor Books, Doubleday, 1991 ('1988).
- CAPRA, Fritjof, *O Tao da Física. Uma Exploração dos Paralelos entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*, Trad. Maria José Quelhas Dias e José Carlos Almeida, Lisboa: Editorial Presença, 1989, ('1975).
- CASTANEDA, Carlos, *O Fogo Interior*, Trad. Conceição Pacheco, Lisboa: Editorial Presença, 1998, ('1984).
- COOK, Pat Moffitt, *Shaman, Jhankri & Néle, Music Healers of Indigenous Cultures*, New York: Ellipsis Arts, 1997.
- DELORIA JR., Vine, *Red Earth, White Lies: Native Americans and the Myth of Scientific Fact*, Golden: Fulcrum Publishing, 1997 ('1995).
- DRURY, Nevill, *The Elements of – Shamanism*, Shaftesbury: Element Books, 1998, ('1989).
- ELIADE, Mircea, *Shamanism, Archaic Techniques of Ecstasy*, Princeton: Princeton U. Press, 1974 ('1964).
- HAMMERSCHLAG, Carl A., M.D., *The Dancing Healers: A Doctor's Journey of Healing with Native Americans*, New York: Harper & Row, 1989.
- HESSE, Hermann, *Siddhartha*, Trans. Hilda Rosner, New York: Bantam Books, 1971, ('1951).
- HULTKRANTZ, Åke, *Shamanic Healing and Ritual Drama: Health and Medicine in Native North American Religious Traditions*, New York: Crossroad Herder, 1992.
- "The Specific Character of North American Shamanism" *E. R. N. A. S.*, 13:2, 1999.
- KANE, Sean, *Wisdom of the Mythtellers*, Peterborough: Broadview Press, 1998.
- KHARITIDI, M.D., Olga, *Entering the Circle: Ancient Secrets of Siberian Wisdom, Discovered by a Russian Psychiatrist*, San Francisco: Harper, 1996.
- MAILS, Thomas E., *Fools Crow*, Lincoln: U. Nebraska P., 1990 ('1979).
- NEVES E SOUSA, Leonor, *Oráculo da Força e da Luz*, Parede: The Art For All Project, 2000.
- RIPINSKY-NAXON, Michael, *The Nature of Shamanism: Substance and Function of a Religious Metaphor*, New York: S. U. N. Y. P., 1993.
- TUNNESHENDE, Marilyn, *Medicine Dream: A Nagual Woman's Energetic Healing*, Charlottesville: Hampton Roads Publishing Company, 1996.
- European Review of Native American Studies*, 13:2, 1999